

# A Revelação

por *Yuri V. Santos*

Ele alimentava uma inveterada paixão pela secretária do reitor. Desde que ingressara no curso de matemática, há cinco anos, vivia inventando pretextos para penetrar na ante-sala do gabinete do reitor, como quem se houvesse enganado.

“É aqui o Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação?”

“Não”, ela respondia. “É em frente, no fim do corredor.”

Ele saía com o coração trincado. Em todos esses anos, ela nunca dera mostras de o ter reconhecido. Isso era muito pior do que um possível desprezo da parte dela. Para alguém ser desprezado, é preciso ter reconhecida sua existência. E ela simplesmente o ignorava.

Numa enfumaçada e depressiva segunda-feira, estava sentado na entrada norte do Instituto Central de Ciências, de frente para a biblioteca, quando foi interpelado por Chatud:

“Vejo que você também sente a decadência do mundo, não é verdade?”

Ele encarou Chatud timidamente. Não estava pensando em nada disso. Pensava na secretária. Mas seria melhor concordar. Os amigos diziam que aquele cara maltrapilho, sujo, descalço e provido de solidéu acreditava ser a reencarnação de Cristo, e, em meio a discursos messiânicos, prometia riquezas extraordinárias para quem o ajudasse a combater e encarcerar Satanás por mais mil anos. Com todo esse currículo, Chatud podia ser perigoso.

“É verdade”, aquiesceu o estudante, “o mundo está tão podre, que o único que podemos fazer é dar um empurrãozinho pra que ele desabe mais rapidamente. Talvez só assim algo melhor possa nascer. Algo melhor que esse mundo de bestas.”

Chatud sorriu condescendente. Mundo de bestas... Sim, aquele ali era digno de ser um dos seus generais. Logo, principiando sua ladainha, segredou que a Revelação já fora iniciada, que os quatro cavaleiros – com seus cavalos branco, vermelho, preto e amarelo – já haviam sido invocados pela abertura dos quatro primeiros selos do Livro da Revelação, e

que ele, Chatud, estava nos rastros da Besta e de Satanás. O estudante ouvia a tudo aquilo não sem espanto. Mas quando Chatud começou, sem mais nem menos, a lhe demonstrar um teorema complicadíssimo de matemática e a provar-lhe, por a mais b, que toda a nossa matemática não é mais que nosso anelo pelo Infinito, ficou muito impressionado. Se aquele cara era mesmo louco, sua loucura provinha de um excesso e não de uma falta de inteligência. De repente, Chatud tomou-lhe a mão direita e disse:

“Você agora é um dos meus generais e terá, quando estivermos na Nova Jerusalém, o direito de possuir cem concubinas, segundo sua própria escolha.” Então levantou-se e recitou: “Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus”, e tendo dito isto, saiu. Alguém o chamara pra fumar um.

“Concubinas!”, pensou o estudante, lembrando-se da secretária do reitor e esquecendo-se da árvore da vida. “Isto sim seria demais!”

Em casa, após reler longos trechos da Bíblia, o estudante ligou a televisão. Assassinatos, catástrofes, guerras, revoluções, fome, doenças incuráveis – até aqui tudo normal – e banalidades, banalidades e mais banalidades – agora, sim, indícios do fim dos tempos... Lembrou-se, então, de Chatud. Lembrou-se da secretária. Esqueceu-se de si mesmo. Dormiu no sofá da sala.

Reencontrou-se num sonho. Estava sentado num trono ao lado dum cordeiro que o mirava com sete olhos.

“Como o reconhecerei, Mestre?”, perguntou o estudante.

“Eu lhe demonstrarei o teorema indemonstrável”, disse o cordeiro piscando-lhe a *metade* dos seus sete olhos.

Depois, viu a secretária do reitor aproximar-se, sorrir-lhe e sentar-se aos seus pés. Estava linda, coberta apenas com sete véus fosforescentes.

“Meu Deus...”, ele ainda murmurou.

Acordou transmutado. Não era mais um estudante de matemática, tornara-se outra coisa. Precisava de confirmação.

“Faz a demonstração desse teorema”, disse, já na UnB, ao entregar um caderno a Chatud.

Chatud pegou o caderno, olhou o teorema e, após uma veleidade de sorriso, pediu um lápis. Sentou-se e começou a garatujar qualquer coisa no papel. Aquele teorema seria a grande confirmação. Desde o século dezoito – quando foi elaborado pela primeira vez – que esse teorema ficara sem uma demonstração completa. A demonstração, feita pelo matemático que o criara, perdera-se algures. Grandes matemáticos já se haviam rendido àquele desafio.

“Pronto”, disse Chatud, estendendo o caderno.

O estudante leu e releu a demonstração do teorema diversas vezes. Chatud explicou-lhe alguns trechos mais obscuros. É, estava correto. Os olhos do estudante brilharam:

“Mestre!”

Chatud pediu-lhe para que se calasse e ouvisse. Ele havia encontrado a Besta. Vira o 666 gravado na sua testa. Ela passaria por ali dentro de instantes. Deveriam agir. Chegara a hora. Seriam abertos os últimos selos do Livro da Revelação. Antes, porém, foram fumar unzinho.

Quando voltaram pra entrada norte do ICC, ficaram estarrecidos – a Besta já estava lá! Parecia um cavalo, mas tinha cabeça de leopardo, os pés de urso e sobre ela vinha montada uma mulher vestida de vermelho e dourado.

“Aquela é a mãe de todas as prostituições e abominações da Terra”, sussurrou Chatud. “Prepare-se!”

Quando se aproximaram, num átimo voaram sobre aqueles dois seres execráveis. Gritavam: “É seu fim, porca Babilônia!” A luta foi terrível. A mãe de todas as abominações da Terra tentava enganá-los dizendo que era apenas aluna do grupo circense do Departamento de Artes Cênicas. Mas não adiantou. Eles, o Mestre e seu General, foram impiedosos. No entanto, apareceram reforços. Alguns guerreiros-do-mal, de botas pretas e armados com bastões, conseguiram nocauteá-los e prendê-los com algemas. O estudante lembra apenas de ter visto, momentos depois, o céu tornar-se negro e fechar-se sobre o mundo, como se fosse a porta traseira de um camburão. Sim, foi o fim. De tudo.

Quando voltaram a si, já estavam na Nova Jerusalém. De um jeito ou de outro, haviam cumprido as profecias. Agora, usavam túnicas brancas e, engraçado, tinham a cabeça

raspada. Chatud não se lembrava de haver lido sobre aquilo no Apocalipse, o Livro das Revelações. Almas carecas! Muito estranho. Apenas os anjos do Senhor tinham cabelo. Chatud passava os dias no seu trono, sob a árvore da vida – que muito se assemelhava a uma jaqueira. O estudante estava injuriado. Não havia recebido suas concubinas. Nem sequer a secretária do reitor. O mestre o enganara. Por isso, só voltou a dirigir-lhe a palavra quando ouviu um dos anjos referir-se a eles como *internos do sanatório*. Isto causou-lhe um surto de lucidez. Correu até a árvore da vida.

“Chatud!”, começou. “Preciso lhe fazer uma revelação”, mas não teve tempo. Uma jaca se espatifou sobre sua cabeça.

“Falsos profetas não fazem revelações”, disse sabiamente Chatud, enquanto olhava o cadáver do seu general.

(Extraído de *A Tragicomédia Acadêmica – Contos Imediatos do Terceiro Grau*, 1997.)

\* \* \*

### ***Sobre o autor:***

**Yuri V. Santos**, nascido às quatro e quinze da matina do dia 24 de Outubro de 1971, é paulistano. Infelizmente não estudou no mesmo colégio em que estudaram próceres tais como Machado de Assis ou Guimarães Rosa, os quais, por sinal, nem paulistas eram. Mas estudou no mesmo colégio que a Ana Paula Arósio! Aliás, foi ela quem estudou no mesmo colégio que ele, posto que Yuri já era um veterano de dez anos de idade quando ela apareceu por lá. Mas tudo isto é pra dizer que, em 1975, em seu primeiro dia de aula, Yuri deu uma tremenda dentada na mão da Tia Dulce, que não cometera outro crime senão o de ser a Diretora do Jardim Escola Visconde de Sabugosa. (“Até hoje ela tem a cicatriz”, ele jura.) Bom, acontece que a rebeldia do garoto para com os meios educacionais permaneceu intacta desde então. Não que ele tivesse se tornado mau aluno, coisa que nunca foi. Mas embora seu corpo sempre comparecesse às aulas, sua mente gostava mesmo era de ir longe, aos cumes, muito além dos programas inculcados pelo MEC. (Tudo culpa da biblioteca de sua família e do Atari.)

Quando Walter, seu pai, se aposentou, Yuri mudou-se com a família para Goiânia, onde, para sua adolescente surpresa, não encontrou índios, onças e tatus andando pelas ruas, mas uma cidade que infelizmente cresce ano a ano em progressão geométrica. (Ainda bem que, nos sítios e fazendas próximas, os discos voadores sejam mais comuns que as onças...) Ainda em Goiânia, com amigos locais e de São Paulo, criou o GEMBLA: *Grupo de Excursionistas e Montanhistas Bêbados Loucos e Alucinados*, com o qual viajou para diversos Parques Nacionais, praias e cavernas do Brasil. Do centro-oeste, este futuro escritor de fato - pois já era de fato - se mandou de intercâmbio estudantil não para os esteites ou canadá, ou gringuices semelhantes, senão para o - pasme - Equador. Lá morou em duas cidades: Quito e Latacunga. Nesta última, aos 17 anos, começou a publicar crônicas e contos no principal jornal da cidade, o El Día. Também ingressou num grupo andinista - alpinismo é nos Alpes, viu -, tendo escalado, entre outros, os nevados Illiniza Norte (5100m), Rumiñahui (4850m), Corazón (4800m) e os vulcões ativos Cotopaxi (5890m), Tungurahua (5080m) e Guagua Pichincha (4910m). Estes dois últimos entraram em erupção em 1999. (Antonio Naranjo, *pai* de intercâmbio, escreveu ao Yuri: "(...) estamos sumamente preocupados por la activación de tus volcanes (...). Pero te digo que el espectáculo infernal de la erupción, los hongos que se forman luego de las explosiones, son una cosa lindísima de se mirar (...). Quisiera que tú estuvieras aquí y los vieras en persona.") Ainda no Equador, Yuri estudou espanhol e teve seu primeiro contato com os estudos filosóficos através de Bruno Gallas, o diretor italiano do Colegio Hermano Miguel, que o alertou para os perigos do panteísmo e da crença num Deus não pessoal. Também foi salvo por um terremoto que, derrubando de forma misteriosamente simbólica a pesada máquina de escrever sobre o frágil violão, tirou-lhe o destino de péssimo músico para lhe dar o de um escritor que promete.

De volta ao Brasil, como não havia faculdade de espionagem ou vampirismo - seus heróis de infância eram o 007 e o Drácula (lembra da mordida na diretora?) - Yuri resolveu que o curso de Jornalismo seria o substituto ideal... Foi o princípio de uma série de decepções. Deste curso saltou para Engenharia Civil, depois - já na Universidade de Brasília - tentou Engenharia Florestal (meros resquícios de idealismo ecológico), Letras e Artes plásticas (habilitação em Teoria, História e Crítica de Arte), sem se formar, por pura desilusão, em qualquer um deles. Concluiu apenas um curso de extensão - *Processo de criação cinematográfica* - com o "mulherengo" Nelson Pereira dos Santos, e um projeto de iniciação científica do CNPq - *Rever, reler, recriar* -, o qual tratava das releituras artísticas pelas novas tecnologias. Seu trabalho foi aprovado com louvor. "Mas meu livro é meu diploma", afirma. Apesar de haver encontrado um ou outro professor digno de respeito, após sete anos de estudos universitários e viagens candangas, Yuri purgou-se da experiência escrevendo o livro "A Tragicomédia Acadêmica - Contos Imediatos do

Terceiro Grau" (1997). (Alguns dos 19 contos: O Wândolo, Memórias da Ilha do Capeta, A volta dos que não foram, Golem - o goleiro, A Vingança de Piupiu, Matando um mosquito com um tiro de canhão, Parálíticos e desintegrados, O Culturaholic, Penteu - o pentelho, Maria Eu-gênia, etc.) Daí, voltou para São Paulo onde comeu o bolo, o biscoito e o pão que o diabo amassou. ("Ainda me vingo do capeta!", ri-se.) Escreveu crônicas durante quase dois anos para a Revista *Guia da Farmácia* (mais risos), que o salvou da fome. Após completar seu "doutorado em pirações" - o mestrado foi feito no alojamento da UnB -, morando na Vila Madalena, freqüentando raves e sendo sócio de um estúdio fotográfico na Vila Olympia, o *Base 1* (com os fotógrafos Dante, Fábio Corrêa e Christian Sievers), Yuri conheceu a poeta Hilda Hilst, em 1998, com quem reside ainda hoje, fazendo as vezes de "secretário incompetente" e webmaster. Em 1999, divertiram-se paranoicamente com as ameaças de fim do mundo. Na Casa do Sol, residência da escritora, moram ainda o poeta, ex-professor de Oxford e ex-detento da Ilha do Diabo inglesa, Bruno Tolentino ("os professores me perseguem..."), o escritor espanhol José Luís Mora Fuentes e oitenta cães. "Rola cada conversa..."

Atualmente, sem os entraves da sociedade no estúdio, Yuri prepara um roteiro - que será rodado pelo cineasta e DJ (trance) Juarez Swarup Petrillo - além de mais dois livros. "Por enquanto vai indo bem", afirma Dostoiévski.

PS.: O autor oferece seus serviços como roteirista, cronista ou semelhantes.

**Para contatos:** [yurivs@uol.com.br](mailto:yurivs@uol.com.br)

**(sites do autor:** [www.casadosol.cjb.net](http://www.casadosol.cjb.net) e  
[www.angelfire.com/ri/melhor](http://www.angelfire.com/ri/melhor))